

## FORMAÇÃO E ENSINO EM SAÚDE: ASPECTOS QUE PERMEIAM A CONSTRUÇÃO DO SER DOCENTE

Renata Scartezini Martins

[renata.s@unochapeco.edu.br](mailto:renata.s@unochapeco.edu.br)

Universidade Comunitária da Região de Chapecó – Unochapecó

Kelen Antunes

[kelen.antunes@outlook.com](mailto:kelen.antunes@outlook.com)

Universidade Comunitária da Região de Chapecó - Unochapecó

### INTRODUÇÃO

Este resumo expandido foi desenvolvido a partir de aspectos teóricos importantes abordados na disciplina do Mestrado em Ciências da Saúde na Universidade Comunitária da Região de Chapecó – Unochapecó, chamada Formação e Ensino em Saúde. Nesta disciplina abordamos elementos fundamentais que permeiam o processo de ensino-aprendizagem a partir de aulas expositivas-dialogadas, seminários, estudos dirigidos e produções textuais reflexivas. Esclarecemos sobre o cenário em que emerge essa reflexão. Este resumo ampliado, foi pensado a partir do Programa de Pós Graduação em Ciências da Saúde – PPGCS, que está voltado para Área Interdisciplinar<sup>1</sup> tendo a Grande Área da Saúde<sup>2</sup>, como ponto central de estudo. Discorreremos a partir do seguinte questionamento: como se constrói o processo de ensino-aprendizagem e do ser docente? Visando responder à questão norteadora desta pesquisa, nos pautamos no seguinte objetivo: Compreender quais elementos pedagógicos, sociais e culturais estão presentes no processo de educação e da construção do professor. Promovemos, deste modo uma reflexão-crítica a respeito de contribuições de autores importantes da área, da educação, bem como: Libaneo, Freire, Haddad, Pimenta, entre outros.

Dissertaremos sobre aspectos de formação e ensino em saúde, considerando elementos que permeiam a construção do processo ensino-aprendizagem, e o ser docente, como o uso de metodologias ativas, do sistema de ensino EaD, os processos avaliativos, construção do plano pedagógico, entre outras estratégias, que contribuem para um processo de ensino-aprendizagem que considere a construção de conhecimento ao invés da mera transferência de saber. A ação-reflexão acerca da área da educação, é fundamental quando aliada a teorias fundamentadas por autores importantes que há anos pesquisam sobre o tema, pois é diante disso, que melhorias podem ser pensadas e novas estratégias desenvolvidas. Compreendemos que todos os elementos que constituem não somente o processo de ensino-aprendizagem, mas também o próprio ser docente, são complexos e o professor frente isso, precisa buscar elementos que contribuam constantemente para seu processo formativo, refletindo positivamente na educação construída junto aos discentes.

---

<sup>1</sup> Conforme classificação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, a área Interdisciplinar, juntamente com Biotecnologia, Ciências Ambientais, Ensino e Materiais, está alocada na Grande Área Multidisciplinar, no Colégio de Ciências Exatas, da Terra e Multidisciplinar.

<sup>2</sup> A Grande Área de Ciências da Saúde está alocada, conforme classificação da CAPES, no Colégio de Ciências da Vida e abriga 09 áreas: Educação Física, Enfermagem, Farmácia, Medicina I, Medicina II, Medicina III, Nutrição, Odontologia e Saúde Coletiva.

## ASPECTOS QUE PERMEIAM A CONSTRUÇÃO DO SER DOCENTE

Pudemos perceber ao longo dos estudos, que tanto o “ser docente” quanto o processo ensino-aprendizagem envolvem muitos aspectos que vão além de focar em uma visão de que o professor deve estar “pronto” para que a qualidade no processo de ensino-aprendizagem esteja garantida. Até porque isso não existe, o professor se constitui e se constrói ao longo do próprio processo de atuação, e este processo envolve uma diversidade de elementos a serem discutidos ao longo deste texto. De acordo com Freire (2004), as atividades de docência têm um poder de magnitude da reformulação do ser pois, com a docência, temos a capacidade de criar e recriar a nossa própria identidade e, também de nossos discentes. As ações educadoras conseguem proporcionar uma desalienação cultural, ou seja, abre um leque de oportunidades para o conhecimento do novo, de novas ideias, de pensar e agir, de ser e estar, nos ensina que não devemos temer o novo, o novo é apenas um desconhecido, deve-se provocar a “aventura do espírito”.

Professor e aluno, em diferentes mundos, podem construir uma visão ampliada de certos cenários, crescendo, cada um, em seu nível de compreensão. Para Rezer (2014), não há como garantir que aquilo que se ensina, é o que de fato se internaliza, isso porque a construção de sentidos ocorre de forma individualizada, cada sujeito apresenta discernimentos diferentes e a formação tem como um propósito de encurtar esse distanciamento, por isto a docência tem a capacidade de estimular o raciocínio, para poder melhorar a capacidade de reflexão e desenvolver a competência do pensar. Freire (2004), nos trazem alguns aspectos fundamentais nesse processo: o se fazer ouvir e conseguir ouvir, o que envolve respeito e humildade nas relações. A figura de autoridade do educador, vista como um mediador daquilo que é justo, mas não de detentor do saber, e a escola continua sendo um local de mediação cultural e atenta percepção do professor em relação a postura dos alunos. Perceber que educar é muito mais do que uma intervenção pessoal e sim uma intervenção no mundo, pois é preciso desenvolver o senso crítico e para isso, é preciso que haja liberdade para que o aluno expresse seu conhecimento, ou não, e sinta-se à vontade para tal. O educador também precisa entender os limites da liberdade concedida ao aluno, na ânsia de não tornar o processo educacional rígido e engessado, mas também não é licencioso. E transcendendo o campo ético, também está a afetividade, isto é, saber acolher, sem tratar com diferenças ou privilégios os alunos.

Então nos damos conta, do quão delicado é, o papel do educador e tudo o que se espera dele. Segundo Haddad *et al.* (2010), a necessidade de articular as competências de um trabalhador, com as necessidades da formação do profissional é urgente e fundamental. Os processos de formação extremamente teóricos, precisaram dar espaço a cenários que contemplassem a formação em um sentido mais amplo, intensificando competências relacionadas a resolução de problemas, lidar com conceitos diferenciados, enfrentamento a partir de cenários que mudem por situações inusitadas. O aprender é uma articulação de processos internos e externos.

Nesse sentido, entende-se que as metodologias ativas, têm contribuição importante, se bem conduzidas pelo docente em seu plano de ensino, comprometendo-se com os objetivos da disciplina. As metodologias ativas, são ferramentas utilizadas para fomentar a interação do aluno visando torná-lo principal responsável na aquisição e construção do seu conhecimento. Precisamos diante do que foi explanado até o momento, nos questionar: isso basta? É tempo de avaliar porque diminuiu tanto as expectativas dos estudantes em relação a aquisição de conhecimento? Por que parece não haver mais o encantamento em relação ao conhecimento?

E quanto aos professores universitários, que dimensões humanas, que vão além da sua disciplina, estão sendo desconsideradas? O professor deve construir o planejamento de ensino, pautado nestas questões apresentadas, para que as metodologias ativas e inovadoras sejam coerentes com aquilo que se propõem a ensinar e avaliar, tendo em vista que este tipo de metodologia seria adequado para contribuir em uma formação mais crítica. Ou seja, com o uso das metodologias ativas, o lugar de maior protagonismo seria do aluno, e o professor um mediador no processo de aprendizagem, utilizando a aprendizagem significativa, que está focada no conhecimento, interesses e experiências dos alunos.

Desenvolver autonomia é importante e fundamental para o profissional em formação em diferentes áreas, pois o processo de formação acadêmica não está apenas na concessão do diploma de graduação, mas também no desenvolvimento da problematização, espírito crítico e reflexivo da realidade. Neste sentido, Libâneo (2004), contribui significativamente, quando diz que, é necessário, que o professor, ao implantar metodologias ativas no processo de ensino-aprendizagem, visem ações que de fato estimulem a capacidade de raciocínio e criticidade, visando aprimorar ou desenvolver no aluno, condição reflexiva e desenvolvimento de competências do pensar. Esse tipo de didática, deve comprometer-se com o aprimoramento da condição cognitiva das aprendizagens. O professor tem função fundamental, no que tange o auxílio ao aluno em se tornar um sujeito reflexivo e crítico, capaz de pensar e lidar com conceitos, argumentar, resolver problemas, diante de dilemas relacionados à vida prática.

As metodologias não são utilizadas para tirar o protagonismo do professor e colocar no aluno, ela foi pensada como uma forma de tornar o aluno tão responsável quanto o professor pelo processo de ensino-aprendizagem. Nesse sentido, alguns exemplos de metodologias ativas estão voltados as práticas que oportunizam que o acadêmico reflita sobre o conhecimento adquirido, que busque aplicá-lo na prática que poderá proporcionar implicações de seu posicionamento crítico. Resoluções de problemas, podem ser um exemplo, vejamos: após embasamento teórico em determinada área do direito, simular um Júri utilizando os conhecimentos aprendidos na resolução da questão. Outro exemplo é após aquisição de conhecimento teórico sobre atendimento clínico, propor soluções no tratamento de um paciente em Psicoterapia. Podem ser também jogos online, como “Quiz” de questões, pode ser também situações mais simples como leituras de textos e discussões em grande grupo apresentando posicionamento crítico do leitor.

Existe também a teoria da problematização utilizando o arco de Magueréz é composto por cinco etapas, a primeira é a observação da realidade, a segunda é o levantamento de pontos-chaves, a terceira é a teorização, a quarta é as hipóteses de solução e a quinta é a aplicação na realidade. A aprendizagem baseada em equipes tem como objetivo de introduzir conceitos relacionados em todas as áreas de saberes e induzir o trabalho em equipe com a resolutiva de tarefas. São estes, alguns exemplos de ferramentas que respeitam a importância do papel do professor, bem como também fomentam a participação do aluno no processo de construção de conhecimento.

Isso porque como cita Colares e Oliveira (2018), o aluno, precisa refletir sobre sua realidade e com isso, a metodologia ativa deve vir como uma forma de problematizar as vivências. Métodos conservadores de ensino, fortalecem uma dissociação dos conhecimentos teóricos e práticos, tornando o aluno, passivo. A metodologia ativa, pressupõe algo muito importante que é a construção conjunta de práticas e saberes importantes, onde professor e aluno se utilizam fundamentos teórico-práticos ao longo do aprendizado. Isso torna o espaço de aprendizagem um ambiente de investigação e disseminação de conhecimento. Se constrói,

neste cenário, o que Freire (2004) chama de “autogerenciamento” ou “autogovernar-se” no processo de formação.

Por falar em processos de autogerenciamento da educação, nos remetemos a um cenário em que isso é muito presente e que atualmente é pauta de muitos debates. Sim, estamos falando da educação à distância (EaD), que trata-se de uma forma educacional na qual é utilizado um ambiente virtual para a aprendizagem, e tem preconizado isso, ou seja, possibilita que o próprio aluno, no que se refere ao conhecimento teórico, gere e se organize para os estudos, fazendo os links com suas experiências de vida, que contemplam cenários pessoais e profissionais, e sim, deverá haver um momento de partilha destes conhecimentos se torne existente, para que em nível de grupo, ocorram trocas de experiências. Isso porque, como cita Rogers (1971), *apud* Conterno e Lopes (2013), o indivíduo possui maior facilidade em aprender aquilo que relaciona com objetos de sua realidade. Isso quer dizer que, o processo de aprendizagem precisa ter significado. Ao professor fica a responsabilidade de auxiliar ao passo que cria espaço para que isso aconteça.

Neste ambiente virtual ainda que o aluno faça o autogerenciamento e a autogestão dos processos de estudo, o professor, é referência na orientação, indicação de leituras, instigador de problematizações, promove a condução e construção conjunta de conhecimentos pertinentes à área de formação. A pandemia gerada pelo COVID-19 em que a grande maioria dos alunos matriculados no Brasil está de alguma forma estudando de forma EaD, nosso formato de aulas no Mestrado também está com metodologias ativas em ambientes virtuais, e percebemos que apesar de algumas dificuldades como acesso a internet, dificuldade de concentração, excesso de atividades, ainda assim é possível produzir conhecimento.

É fato que há uma crítica em relação a algumas disciplinas ou áreas específicas, como a da saúde, que atividades práticas, não tenham o ensino EaD como a melhor estratégia. Mas aquilo que se refere ao teórico, as reflexões críticas podem sim ser muito válidas. A isso também depende a maturidade dos estudantes que talvez precisem estar em estágios mais avançados do desenvolvimento para garantir a autogestão do processo de ensino-aprendizagem. Existe no Brasil, bem como em outros países, as bases legais para a modalidade de educação a distância foram estabelecidas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que foi regulamentada pelo Decreto n.º 5.622. Em 3 de abril de 2001, a Resolução n.º 1, do Conselho Nacional de Educação estabeleceu as normas para a pós graduação lato e stricto sensu. Quando cursos da Educação superior e profissional optarem pela modalidade de Educação a Distância, deve credenciar-se junto ao Ministério da Educação, solicitando, para isto, a autorização de funcionamento para cada curso que pretenda oferecer. O processo será analisado na Secretaria de Educação Superior, por uma Comissão de Especialistas na área do curso em questão e por especialistas em educação a distância. O Parecer dessa Comissão será encaminhado ao Conselho Nacional de Educação. O trâmite, portanto, é o mesmo aplicável aos cursos presenciais. A qualidade do projeto da instituição será o foco principal da análise. Para orientar a elaboração de um projeto de curso de graduação a distância, a Secretaria de Educação a Distância disponibiliza um documento com indicadores de qualidade para cursos de graduação a distância, disponível no site do Ministério da Educação. A Portaria Normativa nº 11/2017, regulamenta o EaD em saúde.

Diante disso, o plano pedagógico a partir de cursos EaD também precisa ser pensado com alguns cuidados. Pereira e Carvalho (2014), enfatizam que o planejamento é uma etapa muito importante e ao mesmo tempo complexa, do ensino-aprendizagem envolvendo

objetivos que visem alcançar pontos específicos como desenvolvimento de conceitos, habilidades, hábitos, técnicas. De modo geral e especificamente no EaD o planejamento não pode ser tão rígido, pois em ambientes virtuais é necessário fomentar uma questão importante segundo Queiroz e Castro (2014), é de permitir que os alunos desenvolvam novas ideias, exercitem sua capacidade de pensar criticamente e saibam pesquisar. Destacam ainda, os autores citados, que a comunicação é muito importante neste processo, sendo que a aprendizagem se dá basicamente por esta troca comunicativa entre professor, tutores e aprendizes, neste sentido diálogo via fóruns, e-mails e bate-papos, telefone, entre outros são artefatos tecnológicos, quer seja em tempo síncrono ou assíncrono contribuem muito para o processo.

A sintonia entre o conteúdo trabalhado e o conteúdo requerido é questão fundamental que respinga no processo avaliativo, sendo um ato investigativo, da qualidade das pesquisas feitas no processo e de quanto conhecimento construído. Por isso no plano de ensino competências e habilidades a serem desenvolvidas devem estar bem claras. Para Queiroz e Castro (2014), o professor atua então como mediador pedagógico e parte centra no processo da educação a distância, descentralizada da figura do professor ocorre, que por sua vez tem planos de ensino mais flexíveis, fomentando a pesquisa e o autogerenciamento do aluno. As metodologias ativas podem contribuir neste cenário, já que buscam também promover o protagonismo do aluno. Fonseca e Mattar (2017), em suas pesquisas visto como uma estratégia positiva que incentiva o raciocínio crítico e reflexivo, trabalho em equipe, autonomia, para cursos à distância seria cenário ideal. É necessário que todos os envolvidos entendam o que são as metodologias ativas e compreendendo a função de desenvolver o aprender a aprender, o aprender a ser, o aprender a fazer, o aprender a viver juntos e o aprender a conhecer citado por Delors *et al.* (2010), mencionado pelas autoras Fonseca e Mattar (2017). Os pontos negativos de tudo isso também merece atenção como: dificuldade de se adaptar as metodologias, nem sempre são fáceis de utilizar em ambientes virtuais pela dificuldade de organização dos alunos. Outra questão importante é o EaD em área como a saúde, onde atividades práticas não podem ser substituídas. Logo, o ensino EaD precisa ser cuidadosamente pensado para cada área e ocasião.

Mas e as metodologias ativas, neste cenário EaD, como ficam? Bem, independentemente se presencial ou à distância, elas precisam respeitar alguns critérios importantes, sendo o primeiro deles, que o processo ensino-aprendizagem deve ocorrer por uma via de mão dupla, isto é, docente e discente devem participar da construção de conhecimento. O docente deve conhecer diferentes métodos da prática, para que possa escolher o que melhor alcançará a construção do conhecimento diante daquilo que propõe o plano de ensino da disciplina, considerando qual sua função, objetivos, formas de aplicação. As metodologias ativas constroem um cenário que possibilita que o aluno vivencie e experimente com maior responsabilidade sobre o processo, experiências relacionadas a vida profissional que irá assumir. Possibilita também, sair da lógica que há apenas uma resposta correta para determinada questão e/ou problema, estimulando pensamento crítico e reflexivo do aluno, além de possibilitar que a lógica ultrapassada do ensino em que o professor transmite conhecimento, dá espaço a um lugar de construção de saberes. E assim como Colares e Oliveira (2018): “Este planejamento crítico, reflexivo e de natureza coletiva, associado ao uso de estratégias inovadoras propicia ao docente mediar um processo de formação de profissionais capacitados e conscientes para transformar a realidade que os circunda.”

Contribuições de Libâneo (2006), nos dizem que inicialmente, os objetivos educacionais e depois os conteúdos de ensino, precisam estar bem claros, a partir disso, discorre o plano de ensino envolvido pelo planejamento pedagógico. Vejamos que conforme cita Libâneo (2006), os objetivos educacionais são importantes porque são formulados por pelo menos três pontos importantes: valores e ideias construídos a partir da legislação educacional; conteúdos básicos das ciências; e necessidades e expectativas de formação cultural estabelecidas pela sociedade a partir de vivências de trabalho e lutas pela democracia. Neste sentido, bem como a autora indica, os objetivos educacionais impulsionam o docente a pensar os conteúdos propostos, que deem conta de caminhar por estes três pontos. Mesmo que estas questões venham previamente estabelecidas, o modo como o professor desenvolve seu plano de ensino faz toda a diferença, e para isso é importante que o professor siga sempre estudando, se atualizando e esteja consciente e convicto sobre aspectos relacionados aos contextos sociais, políticos, pedagógicos do trabalho docente, formando alunos com senso crítico em relação aos espaços a que pertencem.

A importância dos conteúdos de ensino, como nos cita Libâneo (2006), está voltado a didática. O conteúdo, por mais teórico que seja, não deve contemplar uma forma linear, mecânica, sem reciprocidade entre os envolvidos (professor e aluno). Não deve ser morto e estático, tão pouco subestimar a capacidade dos alunos de envolver suas habilidades e capacidades no modo de adquirir e administrar o conhecimento em questão. Nos conteúdos também estão presentes as habilidades, os hábitos, modos de agir, valores, organização pedagógica, assimilação ativa e aplicação na prática. Isto é, os conteúdos representam as experiências sociais da humanidade em relação aos conhecimentos. Isso demonstra que uma professora que ministra uma aula sobre o conhecimento de determinada profissão enquanto ciência, contextualização histórica, campos de atuação e desenvolvimento de competências para a atuação, e em sua avaliação da disciplina considera somente as notas de uma prova, está considerando um estudo mecanicista, pois não está contemplando formas de aplicação prática em relação ao conhecimento que está sendo difundido, tão pouco colocando o aluno em reflexão crítica sobre os conhecimentos apresentados. Tendo essas percepções claras, podemos responder as perguntas, relatando que um planejamento pedagógico é, segundo Libâneo (2006), um processo que auxilia o docente na organização de suas ações ao longo da disciplina, e que tem importância no tange instrumentalizar os alunos como agentes ativos na vida social. Por implicar tão diretamente na vida social, é que os métodos, objetivos e conteúdos são aqui tão importantes.

No desenvolvimento do Plano de ensino alguns requisitos devem ser respeitados: seguir os objetivos da escola democrática; seguir exigências dos planos e programas oficiais; considerar as condições prévias de cada aluno para aprendizagem; os princípios e as condições do processo de transmissão e assimilação ativa dos conteúdos. Neste sentido, um roteiro para sua elaboração deve contemplar, segundo Libâneo (2006): 1) Justificativa da disciplina em relação aos objetivos da instituição/escola; 2) objetivos gerais; 3) objetivos específicos; 4) conteúdo (com divisão temática de cada unidade); 5) tempo estimado para o desenvolvimento das atividades propostas (professor e aluno).

Eis que entramos então em um ponto também muito importante, o como avaliar tudo o que vem sendo proposto no plano de aula. O conceito “avaliação”, é citado por Verhine (2015), a partir da ótica de vários autores que entendem que a avaliação é o levantamento de informações sobre como o processo de ensino aprendizagem está acontecendo. Belloni, Magalhães e Sousa (2007), entendem avaliação “como um procedimento sistemático de

análise de atividades, fatos ou coisas que permite compreender, de forma contextualizada, todas as suas dimensões e implicações, com vistas a estimular seu aperfeiçoamento”.

Os tipos de avaliação contemplam: Avaliação formativa (objetiva perceber se o que está sendo proposto pelo professor está sendo alcançado, os instrumentos de avaliação neste caso devem ir sendo aplicados ao longo de todo processo, através de pequenas produções, geralmente voltadas à aula ministrada no dia, exemplos: uma dinâmica, uma ou duas questões pontuais voltadas ao tema trabalhado, jogo de perguntas, simulação de uma situação); Avaliação diagnóstica (o professor trabalha com levantamento de informações para saber se os objetivos do estudo, condizem com o que será ministrado, deve ocorrer antes do início do processo de ensino aprendizagem, isto é, tendo um plano de aula flexível como nos recomenda Libâneo (2006), algumas coisas poderão ser revistas quando o professor tiver acesso as condições e conhecimento pré-existentes do aluno. Exemplo: uma rodada de apresentação para conhecimento da turma, lança uma questão específica sobre o que entendem sobre a matéria que será ministrada, levantamento de expectativas); Avaliação somativa (trata-se do somatório de avaliações pelas quais o aluno foi sendo observado ao longo do período em que decorre a disciplina. Exemplo está voltado a uma prova ou trabalho final, avaliação com base nos resultados cumulativos conquistados no ano ou ambas as formas, tendo em vista que o professor precisa encontrar formas de ir registrando o desempenho de cada aluno nas mais diversas atividades que se colocam.)

Como eixo condutor do processo de avaliação, existe o SINAES - Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior criado a partir da Criado pela Lei nº 10.861, de 14 de abril de 2004, formado por três componentes principais: a avaliação das instituições, dos cursos e do desempenho dos estudantes. O Sinaes avalia todos os aspectos ligados a esses três eixos, em especial ao que se refere ao ensino, a pesquisa, a extensão, pois está voltado a responsabilidade social, o desempenho dos alunos, a gestão da instituição, o corpo docente e as instalações. Seu principal objetivo no que tange as avaliações é melhorar a qualidade da educação superior e orientar a expansão da oferta, além de promover a responsabilidade social das IES, respeitando a identidade institucional e a autonomia de cada organização. As ferramentas de avaliação contemplam: autoavaliação, avaliação externa, Enade, Avaliação dos cursos de graduação e instrumentos de informação como o censo e o cadastro. A integração dos instrumentos permite que sejam atribuídos alguns conceitos, ordenados numa escala com cinco níveis, a cada uma das dimensões e ao conjunto das dimensões avaliadas. O Ministério da Educação torna público e disponível o resultado da avaliação das instituições de ensino superior e de seus cursos.

Por fim, é importante reforçar que quando falamos em ensino e construção docente, cada elemento citado é parte de uma fundamental que contribui para o constante aperfeiçoamento do ser docente e a qualidade do ensino-aprendizagem. Existem diferente concepções acerca do processo formativo docente, algumas que inclusive acreditam que a docência no ensino superior não requer formações pedagógicas. Isto leva a uma prática em que, o professor detém e transmite o conhecimento, enquanto o aluno recebe as informações e ter compreendido ou não, trata-se de outra dimensão que já não compete ao professor responsabilidade. Por este motivo estas reflexões acerca do processo didático do docente bem como tudo o que envolve o ser docente, é fundamental.

Acompanhando esta linha de raciocínio, é possível dizer que, a identidade do professor não vem pronta, nem se adquire em um curso, programa ou disciplina, tão pouco é imutável. Trata-se de um processo de refletir e construir considerando o lugar onde estamos

historicamente situados e quais os atravessamentos fazem parte, no sentido de dificultar ou contribuir com o processo. Isto quer dizer que, o professor que atuou nos anos de 1980, tinha estudos, bases teóricas, recursos, práticas, contextos sociais, cultural e políticos diferentes dos professores no ano de 2020 onde vivemos transformações significativas nos contextos mais diversos da sociedade. E não há nada de errado nisto, pois o professor foi respondendo a partir das necessidades apresentadas pela sociedade naquele momento. Mas é importante acompanhar essas transformações, e Pimenta e Anastasiou (2002), nos trazem que a profissão docente enquanto prática social é dinâmica, e modificá-la requer ação reflexiva e crítica. Construir a identidade do professor, requer revisão de suas práticas, propósitos, significados sociais da profissão, confronto entre teoria e prática, significados dados ao ser docente e suas atribuições, a partir de sua própria visão, entender até que ponto as inovações agregam ou prejudicam os saberes válidos para tal realidade.

A construção da identidade docente também é influenciada no que tange os valores, princípios, a forma como está inserido no mundo, nas histórias de vida, nas representações do saber, nos medos, nas angústias, nos anseios. Nas redes a quem se apoia ou está rodeado, na forma como se relaciona com outros professores, na forma como compreende a educação e como interage com o conhecimento. Pimenta e Anastasiou (2002), afirmam através de suas pesquisas na área, que o primeiro passo é compreender que o sujeito aprende por diferente vias, isto é: através da teoria, com nossas próprias práticas, com o conhecimento elaborado por si, ou outrem, mas também por meio de nossas emoções, do olhar instrumental, da cognição, da afetividade, da sensibilidade, ou seja, o conhecimento se dá a partir de tudo aquilo que é capaz de mobilizar o ser humanos como um todo. Neste sentido, no processo educacional, deve contribuir nesta mobilização fazendo com que haja questionamentos, posicionamentos, problematizações e busca por soluções de problemas diversos.

Os saberes pedagógicos somados as práticas, pressupõem uma vinculação fundamental entre esferas teórico-práticas que, segundo Pimenta e Anastasiou (2002), reforçam a importância do processo formativo dos docentes no ensino superior. Este processo formativo, precisa colocar à disposição certos conhecimentos em relação a prática docente, mas precisa também estimular a pesquisa, no seu campo institucional e mais do que isso, analisando as suas próprias atividades docentes. Neste caso, seria a pesquisa o princípio formativo na docência. Isto é, o constante avaliar, conhecer, observar, repensar as realidades de ensino. Neste sentido, compreendemos que o processo de formar a identidade docente, não ocorre em um momento específico, mas sim, de forma contínua, e que envolve saberes específicos da área, como também, saberes da experiência construídos no exercício profissional. Transformar práticas docentes, só é possível se o professor se permite olhar para sua própria prática e amplia sua consciência compreendendo que estamos todos inseridos em contextos históricos, sociais, culturais e organizacionais onde seu exercício docente acontece. Refletir é “tarefa complexa”, exige conhecimento e a constituição da identidade do professor carrega esta responsabilidade.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Buscamos dissertar a partir de aspectos importantes que a literatura, autores e pesquisadores da área tem nos trazido como elementos importantes no processo formativo, seja de alunos, seja na construção docente. Confirma-se através dos autores e do posicionamento crítico com que nos colocamos frente aos apontamentos teóricos, de que não



há de fato um momento específico em que se diga estar pronto para ser professor, tendo em vista as muitas transformações que vem ocorrendo na educação, no modo de ensinar e promover a aprendizagem. Há diferentes modos de entender o ser docente, mas é fato que atualmente, as mudanças no campo da educação, vem exigindo um professor menos centralizador do conhecimento, um modelo de ensino-aprendizagem em que não haja transferência dos conhecimentos e sim, construção. Educadores que compartilhem espaços com os alunos. No entanto, quando começamos a ler Paulo Freire por exemplo, nos damos conta de que esse modelo de ensinagem, não é novo, vem sendo discutido há anos por estudiosos aqui citados.

O que nos fez demorar tanto tempo para compreender que preparar para vida profissional requer humildade, requer interdisciplinaridade, requer compreender que há modos diferentes de solucionar problemas, que o aluno por ser aluno não é tábula rasa, possui vivências, experiências, e que sim, há sim um núcleo de saberes específicos de cada profissão e que o professor por todo tempo de estudo, dedicação e experiência profissional, terá fundamental função norteadora, no processo de ensino-aprendizagem, mas o aluno também é parte desta construção por mais teórico que seja determinado conteúdo, ainda precisa contemplar uma reciprocidade entre os envolvidos (professor e aluno), desenvolvendo habilidades e competências importantes e necessárias para vida profissional e, vale ressaltar que os hábitos, modos de agir, valores, organização pedagógica, assimilação ativa, relação entre teoria e prática, são processo que não podem ser deixados de fora, e que exigem um olhar interdisciplinar.

Neste sentido, pudemos perceber que, a fim de auxiliar neste processo existem elementos como metodologias ativas, que fomentam uma maior interação entre alunos e professores, promovem que aluno relacione problemáticas e teoria, desenvolva a criticidade, fomenta sua autonomia. O ensino EaD, salvo alguns cuidados como já mencionados, alcançam maior número de pessoas, oferecem flexibilidade, autogestão do estudo por parte dos estudantes. Bem como entendemos e a própria regulamentação do EaD prevê que existem situações que não substituem os meios presenciais. O que vale ressaltar é que independentemente do ensino EaD ou presencial, é fundamental um plano de ensino bem estruturado, considerando particularidades inerentes a cada instituição, sistema de ensino, que considere a importância de colocar a possibilidade de aprendizagem do aluno em primeiro lugar, através de um processo de ensino flexível, com objetivos claros. O professor não é o único responsável pelo processo de aquisição de conhecimento do aluno, mas as estratégias que utiliza tendem a auxiliar de modo eficaz, instigando o aluno a desenvolver um pensamento crítico e reflexivo que talvez ainda não tenha. É como se a turma fosse um time, e o professor o técnico, que define algumas estratégias, mas que depende também da atuação de cada integrante, mas que o sucesso da partida seja alcançado.

Importante compreender que o sujeito aprende de diferentes formas, e que o processo educacional, deve contribuir nesta mobilização instigando questionamentos, posicionamentos, problematizações. Tendo em vista todos esses aspectos, ainda que o aluno torne-se também responsável pelo processo de ensino-aprendizagem, na medida que gerencia e busca agregar outros elementos ao que é discutido em sala de aula, o professor carrega consigo inúmeras responsabilidades avaliativas, burocráticas, metodológicas, que exigem sensibilidade para perceber o que muitas vezes vai além do conteúdo ministrado, frente a cenários que mudam a nível geracional, econômico, político, institucional. Equilibrar essas necessidades, exige do professor, olhar atento ao trabalho que desenvolve, atuação praxista de agir e refletir,

compreendendo porque executa suas atividades de tal forma, o que requer mudanças, melhorias e até mesmo educação permanente, atribuindo elementos ao seu processo formativo que possam refletir positivamente na qualidade do ensino a que se propõem fazer parte.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. LEGISLAÇÃO EM EAD. Disponível em:

[http://portal.mec.gov.br/seed/index.php?option=com\\_content&task=view&id=61](http://portal.mec.gov.br/seed/index.php?option=com_content&task=view&id=61). Acesso em: 20/05/2020

COLARES, Karla Taísa Pereira; OLIVEIRA, Wellington de. Metodologias Ativas na formação profissional em saúde: uma revisão. **Revista Sustinere**, v. 6, n. 2, p. 300-320, 2018.

CONTERNO, Solange de Fátima Reis; LOPES, Roseli Esquerdo. Inovações do século passado: origens dos referenciais pedagógicos na formação profissional em saúde. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 11, n. 3, p. 503-523, 2013.

PEREIRA, André de Queiroz.; CASTRO, Luis Carlos Carvalho de. Planejamento, mediação pedagógica e avaliação em EaD. **Revista Intersaberes**, v. 9, n. 17, p. 147-157, 2014.

FONSECA, Sandra Medeiros; MATTAR, Joao. Metodologias ativas aplicadas à educação a distância: revisão da literatura. **Revista EDaPECI**, v. 17, n. 2, p. 185-197, 2017.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia.: saberes necessários à autonomia. **São Paulo: Paz e Terra**, 2004.

HADDAD, Ana Estela et al. Formação de profissionais de saúde no Brasil: uma análise no período de 1991 a 2008. **Revista de Saúde Pública**, v. 44, n. 3, p. 383-393, 2010.

LIBÂNEO, José Carlos. A didática e a aprendizagem do pensar e do aprender: a Teoria Histórico-cultural da Atividade e a contribuição de Vasili Davydov. **Revista Brasileira de Educação**, n. 27, p. 5-24, 2004.

LIBÂNEO, José Carlos. A teoria do ensino para o desenvolvimento humano e o planejamento de ensino. **Revista Educativa-Revista de Educação**, v. 19, n. 2, p. 353-387, 2017.

PIMENTA, Selma Garrido; ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos; CAVALLET, Valdo José. Docência no ensino superior: construindo caminhos. **Formação de educadores: desafios e perspectivas**. São Paulo: UNESP, p. 267-278, 2002.

REZER, Ricardo. **Educação Física na Educação Superior**: trabalho docente, epistemologia e hermenêutica. Chapecó, SC: Argos, 2014.

VERHINE, Robert E. Avaliação e regulação da educação superior: uma análise a partir dos primeiros 10 anos do SINAES (). **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)**, v. 20, n. 3, p. 603-619, 2015.